



A VIOLÊNCIA COMO FATOR DE VULNERABILIDADE NA ÓTICA DE ADOLESCENTES ESCOLARES

Marta Angélica Iossi Silva¹ & Beatriz Oliveira Pereira²

Resumo

O objetivo deste estudo foi compreender como é que os adolescentes escolares percebem a violência em suas diferentes formas e expressões e em que medida cada uma destas dimensões é percebida como fator de vulnerabilidade. O estudo é de natureza qualitativa, utilizando como técnica de coleta de dados entrevistas semi-estruturadas com adolescentes de 10 a 19 anos. A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo temática baseando-se em princípios hermenêutico-dialéticos. A violência social, em particular a delinquência juvenil, comunitária e escolar é apontada enquanto um fator de vulnerabilidade o que nos leva a considerar que para impedirmos a sua (re) produção, as iniciativas sócio-políticas devem procurar responder aos desafios de tirá-la da clandestinidade; compreender melhor o seu processo de produção e formar profissionais comprometidos no seu enfrentamento.

Palavras-chave

Adolescência; violência; vulnerabilidade.

INTRODUÇÃO

A adolescência constitui um período da vida onde, se manifesta a interação entre os aspectos individuais, a socialização, o desenvolvimento cognitivo e os valores construídos ao longo das experiências de vida, além de um potencial para o desenvolvimento de novas habilidades e oportunidades que se configuram no conjunto de características que dão unidade ao fenômeno da adolescência.

A proposta de atenção e proteção integral na adolescência é intervir nesse processo por meio de ações que satisfaçam as necessidades dos adolescentes, e permitam o desenvolvimento de competências e habilidades, tornando-os parte de redes sociais e assim possibilitar a redução da vulnerabilidade.

A noção de vulnerabilidade procura particularizar as diferentes situações dos sujeitos em três planos analíticos, ou seja, a vulnerabilidade individual, social e institucional, cuja pretensão é a busca da síntese em contraste ao caráter eminentemente analítico do conceito de risco, pedindo, portanto, olhares para múltiplos planos e, em particular, para estruturas sociais vulnerabilizantes ou condicionantes de vulnerabilidades reconhecendo a determinação social dos problemas e adversidades vividas na atualidade por um contingente significativo de adolescentes (Ayres et al., 2003; Sánchez; Bertolozzi, 2007).

Apesar das mudanças verificadas no âmbito legal com o reconhecimento cada vez mais ampliado dos direitos sociais desta parcela da população, temos como contraponto a potencialização da problemática de adolescentes em situação de vulnerabilidade social e pessoal, nos centros urbanos, nas instituições e no interior de seus lares no que concerne

1. Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Centro Colaborador da OMS para o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem. maioffi@eerp.usp.br
2. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho – Portugal.



a violência contra e entre adolescentes.

O fenômeno da violência é um problema sócio-histórico considerado na atualidade como um grave problema de saúde pública, constituindo-se na principal causa de morbimortalidade na adolescência (Abramovay et al, 2002; Waiselfisz, 2004; Assis, Deslandes, Santos, 2005).

Os diversos tipos de violência costumam se expressar de forma associada, conformando uma rede onde aquelas que expressam os conflitos do sistema social se articulam nos níveis interpessoais (Brasil, 2006; Minayo, 2005).

Relativamente a este ponto cabe sublinhar que a violência social considerada aquela a qual os sujeitos são submetidos por uma ação ou omissão de outrem, de grupos, e nações que os levem a danos físicos, emocionais, morais, espirituais a si próprios ou aos outros, a exemplo dos homicídios, suicídios, acidentes, agressões; a violência estrutural, referente àquela que se sustenta nas desigualdades sociais, estando relacionada a situações de miséria e pobreza; a violência institucional, atitudes agressivas, negligentes e cruéis que ocorre dentro das instituições que recebem adolescentes, seja para proteção, reabilitação, tratamento, socialização, educação, a exemplo das unidades de saúde, hospitais, abrigos, orfanatos, escolas; a violência delinqüencial, que se manifesta no que a sociedade considera crime e a violência doméstica todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis, contra crianças e/ou adolescentes que sendo capaz de causar danos físicos, sexuais e/ou psicológicos – implica de um lado uma transgressão de poder/dever de proteção do adulto e de outro uma negação do direito que adolescentes tem de ser tratados como sujeitos em condições peculiar de desenvolvimento, destacam-se no universo da adolescência (World Health Organization [WHO], 2002; Assis, S. G., Deslandes, S. F., & Santos, N. C., 2005; Minayo, 2005, Brasil, 2006).

A violência a que os adolescentes estão sujeitos na sociedade e em particular na escola não pode ser desinserida da violência percebida no meio ambiente. Na escola esta pode ainda assumir formas específicas, a exemplo do *bullying* entre pares. O *bullying* é o abuso sistemático do poder. É uma forma de comportamento agressivo, entre pares, usualmente maldosa, deliberada e com frequência persistente, podendo durar semanas, meses ou anos, sendo difícil às vítimas defenderem-se a si próprias (Sharp & Smith, 1994; Pereira, 2001). De forma continuada e intencional parece afectar os jovens no seu desenvolvimento e se manifesta em particular nos recreios escolares. Ainda neste sentido, o insucesso escolar parece estar associado ao aumento percentual de crianças agressoras (Pereira, 2002; Pereira *et al.*, 2004).

A violência, portanto apresenta-se possuindo uma dimensão social com raízes macroestruturais. Apresenta várias formas e faces e encontra-se diluída na sociedade sob forma das diversas manifestações que se interligam, interagem, alimentam e fortalecem e desta forma, permanece presente historicamente na sociedade (Minayo, 2005).

Mediante tal quadro, este estudo teve como objetivo compreender como os adolescentes percebem a violência em suas diferentes formas e expressões como um fator de vulnerabilidade, considerando sua complexidade e subjetividade.

Subsidiados nos objetivos da presente pesquisa procuramos responder a seguintes questões: como é que os adolescentes vêem a violência no âmbito escolar e social? Reconhecem esta violência como um fator que os vulnerabiliza? A que tipo de violência acreditam que estão expostos considerando o contexto em que estão inseridos?

Este estudo tem sua relevância a partir do pressuposto de que, mais do que um agente da violência como muitas vezes é apontado pela própria sociedade ou mídia, o adolescente se vê como vítima deste fenômeno que lhe confere não só uma vulnerabilidade individual, mas também social.



Isto posto, o presente estudo se justifica uma vez que entendemos a adolescência como uma fase potencial de desenvolvimento humano, conjugando uma visão sistêmica e construtivista do processo de adolecer, o sujeito deste processo deve ser visto dentro de suas singularidades e interações com o seu contexto familiar e social numa perspectiva de *empowerment*, ou seja, dar aos adolescentes o poder, a liberdade, a responsabilidade e a informação necessárias para que possam desenvolver suas competências pessoais e sociais, e participar ativamente na tomada de decisões a respeito de sua vida em seus diferentes aspectos (Carvalho, 2006), e assim agregar respostas e perspectivas para o enfrentamento do fenômeno da violência na suas mais diferentes manifestações.

PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS

Buscamos na abordagem qualitativa, uma alternativa metodológica que nos ajudou a entender a realidade expressa pelas percepções desses adolescentes, aqui entendida como aquela capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais e como práticas interpretativas que contemplam os sentidos que os sujeitos atribuem aos fenômenos (Minayo, 2007).

O presente trabalho configura-se como parte de um projeto maior intitulado “O adolescente enquanto protagonista no seu espaço social” por meio do qual buscamos compreender como os adolescentes percebem sua realidade em termos da vulnerabilidade da sua saúde.

O campo de investigação, enquanto realidade a ser compreendida e investigada, foram duas escolas municipais de ensino fundamental localizadas em bairros periféricos da cidade de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil e que contam com um trabalho de extensão universitária e ações de equipes de saúde da família, que vem realizando durante o ano grupos de educação em saúde com os adolescentes.

A coleta dos dados se apoiou na realização de entrevistas semi-estruturadas e a amostra foi composta a partir dos seguintes princípios (i) privilegiar os adolescentes, nossos atores sociais, adolescentes de 10 a 19 anos que participam ou participaram em grupos de adolescentes na escola. Cabe ressaltar que os referidos grupos são grupos educativos para a prevenção e promoção da saúde por meio de uma metodologia participativa e lúdica, com um adequado manejo possibilitado pela formação ética, teórica e metodológica e que visa criar mudanças positivas de atitudes e comportamentos entre os adolescentes e seus pares, perspectiva metodológica esta que vai além da capacidade de gerar informações, mas que considera, sobretudo, os processos sociais e culturais que ajudam o jovem a dar sentido aos seus valores, a seus desejos, sentimentos e interesses, fortalecendo a auto-estima, a autonomia. Isso significa um cuidado para a escolha do lócus e do grupo que contenham o conjunto das experiências e expressões que se pretende objetivar com a pesquisa; (ii) tê-los como número suficiente para permitir a reincidência e homogeneidade das informações; (iii) considerar a possibilidade de inclusões sucessivas de sujeitos até que seja possível uma discussão aprofundada das questões da pesquisa. Assim, a amostra não buscou uma representatividade numérica e sim um aprofundamento da temática (Gomes, 2007; Minayo, 2007).

Os adolescentes foram convidados a participar espontaneamente das entrevistas individuais na própria escola. Para tanto, explicamos a cada adolescente entrevistado, de forma clara e objetiva, o que pretendíamos e também sobre a necessidade de gravação das entrevistas, pedindo-lhes permissão para tal. Realizamos um total de 17 entrevistas individuais, as quais foram alcançadas considerando-se a saturação e representatividade da amostra (Fontanella; Ricas; Turato, 2008).

Em termos de tratamento dos depoimentos, utilizou-se o método de análise de conteúdo temática (Minayo, 2007; Bardin, 2002).



Para a análise de conteúdo atingir a compreensão das significações e ultrapassar as tendências quantitativas, esta deve relacionar os significados e significantes, articulando a superfície dos textos descrita e analisada com os fatores que determinam suas características: variáveis psicossociais, contexto cultural, contexto e processo de produção da mensagem. Para tanto, para a análise dos discursos nos baseamos em princípios hemenêuticos-dialéticos os quais nos possibilitou o confronto de diferentes posicionamentos na interpretação dos sentidos, uma vez que este método coloca a fala em seu contexto para compreendê-la a partir do seu interior e no campo da especificidade histórica e totalizante em que é produzida (Minayo, 2007).

Assim, a hemenêutica-dialética nos permitiu compreender a realidade expressa por estes adolescentes a partir de uma reconstrução histórica, objetiva e ao mesmo tempo subjetiva dos seus discursos, discernindo o sentido oculto num sentido aparente.

Para garantir o caráter sigiloso das informações e dos sujeitos, na transcrição dos depoimentos, os entrevistados foram codificados por letras onde “E1AF13” refere-se à entrevista número um da escola A, entrevistado do sexo feminino, 13 anos de idade; “E1BM14” refere-se à entrevista número um da escola B, entrevistado do sexo masculino, 14 anos de idade e assim sucessivamente.

O projeto de pesquisa do qual se insere este trabalho foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, em cumprimento da Resolução n.º. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apontar as raízes deste fenômeno multifacetado é um desafio que se coloca na atualidade. Segundo a WHO (2002, p. 12) podemos analisar ou explicar as raízes da violência tomando como base um modelo ecológico o qual enfatiza e delinea uma abordagem a partir de quatro níveis, os fatores biológicos e pessoais de cada pessoa; os fatores relacionais, evidenciando-se as interações sociais; os fatores comunitários a exemplo da escola, vizinhança, os altos níveis de desemprego, a presença de tráfico de drogas e de armas e os fatores sociais mais amplos, como normas culturais que justificam a violência como forma de resolver conflitos, o machismo e cultura adultocêntrica, normas que validam o uso abusivo da força pela polícia e a ineficiência das políticas de educação, saúde, econômicas e sociais que contribuem para manter desigualdades.

Nesta perspectiva tendo como base fundamental a compreensão do significado das falas por meio da fusão de horizontes, dos pesquisadores e dos sujeitos – hermenêutica - interpretando a realidade em seu contínuo desenvolvimento e mudança e buscando apreender o fenômeno da violência em um contexto histórico – dialética - e é que buscamos compreender a percepção dos adolescentes sujeitos do presente estudo quanto a interação violência e vulnerabilidade.

Os diversos tipos de violência costumam se expressar de forma associada, conformando uma rede onde aquelas que expressam os conflitos do sistema social se articulam nos níveis interpessoais (Minayo, 2002).

Na verdade a violência que se apresenta na contemporaneidade desloca a ordem social evocando a idéia de desordem racional, moral ou social, mas por outro lado também um fator de crítica e questionamento dessa ordem (Pino, 2007).

Considerando que toda ordem social possibilita um ordenamento das relações econômicas, sociais e políticas de uma dada sociedade, a violência social e estrutural, enquanto àquelas que se sustentam nas desigualdades sociais e impetram uma ação ou omissão de outrem, que leva a danos físicos, emocionais, morais, espirituais a si próprios



ou aos outros, a exemplo dos homicídios, suicídios, acidentes, agressões, representam efetivamente um fator de desestabilização.

A desigualdade social hoje presente na percepção dos adolescentes, mostra a incapacidade política e gerencial dos governos em incorporar sua população na cidadania, na garantia de direitos políticos, civis e sociais, estamos longe da incorporação da população nos direitos sociais.

“Então, tem muitas famílias que não tem condição, porque eu queria assim, que o governo centrasse muito bem no que fazer ... Tem bolsa escola, bolsa família, mas a gente não precisa só disso, precisa de muito mais” (E4BF15).

“Sabe para ficar mais protegido a gente precisa de mais apoio, mais condições mais o governo não vê isso” (E1BM13).

O que vem contribuindo para o aumento do quadro de violência nas diferentes sociedades e contextos, está relacionado ao intenso crescimento e desenvolvimento populacional dentro de uma sociedade mal estruturada, onde a distribuição de renda, o acesso desigual aos bens sociais e de consumo, envolvem problemas de grande complexidade.

Neste sentido, violência e vulnerabilidade não estão isoladas das relações econômicas, políticas, culturais que configuram a estrutura de uma sociedade. Diversos estudos apontam que os condicionantes estruturais colocam ou aumentam a vulnerabilidade das pessoas ou grupos, e que a melhoria da situação sócio-econômica das famílias, e a garantia de políticas e serviços sociais, diferenciados, ajustadas e mais apropriadas para cada caso, são mediações para diminuir esta vulnerabilidade (Mckay; Lawson, 2002; Fundo das Nações Unidas para Infância [Unicef], 2005; Sánchez; Bertolozzi, 2007).

Os determinantes sociais, econômicos e culturais somam-se aos fatores familiares e individuais para a determinação da vulnerabilidade à violência. Dentre os fatores de relevância para sua ocorrência contra e entre os adolescentes destacam-se os fatores individuais - de gênero, temperamento, baixo nível educacional, agressividade interparental ou com os pares; contextuais ou sociais – práticas educativas inadequadas, punitivas e instáveis, com encorajamento e reforço para comportamento anti-social, qualidade das relações interparentais, estrutura monoparental, fracasso acadêmico (Assis; Pesce, Avancini, 2006).

Os adolescentes situam a violência a que estão expostos em seu cotidiano, como fator de vulnerabilidade, seja no âmbito privado de seus lares ou no público, a exemplo da escola e das ruas.

“Vou dar um exemplo... uma série acima, ela parece que tem o poder né, ela pensa que tem mais poder do que a série abaixo. Então o que acontece? Tem ameaças, tipo assim, ah vou te bater na rua, esse tipo de ameaça tá acontecendo sempre, e acho que isso acaba influenciando depois os menores, que vão para uma série acima, fazer isso com os debaixo [...] bate na hora da saída” (E5AM14).

“Aqui na escola às vezes tem muita briga, aqui dentro e lá fora” (E9BM12)

A violência contra e entre os adolescentes materializa-se nos diversos espaços sociais, porém nos últimos anos a escola vem sendo apontada com um dos principais lócus de produção e reprodução de violências e indisciplinas nas suas mais variadas formas, contrapondo a ideário do contexto escolar como um espaço de socialização e proteção.

O *bullying* nas escolas se delinea como uma problemática que merece atenção, considerando a crescente produção acadêmica sobre o tema (Sharp & Smith, 1994; Pereira, 2001; Pereira, B., Mendonça, D., Neto, C., Valente, L. & Smith, P. K., 2004; Pereira, 2006; Miranda, 2004; Chrispino, 2007). Cada vez mais se repercute a idéia



de que as escolas estão se tornando territórios de agressões e conflitos. Notícias sobre homicídios, ameaças, agressões e uso de armas em estabelecimentos de ensino surgem em diversas partes do mundo, intensificando a percepção de que esses deixaram de ser um território protegido.

No entanto esta não pode ser vista dissociada do contexto social, urbano, relacional e familiar no qual o adolescente está inserido. Em suas reflexões Engels (1981) questiona a idéia de se explicar a violência pela imposição da vontade e pelas relações políticas e considera que “o aspecto econômico da relação é mais fundamental na História do que o aspecto político” (p. 166). Ao enfatizar os interesses econômicos Engels busca o significado da violência nos meios e condições materiais. Para ele, o exercício da violência e seus meios estão relacionados ao desenvolvimento da tecnologia, que se articula com a manutenção do poder e da propriedade.

Esse determinismo econômico, no entanto, não é o único vértice a ser considerado, mas na determinação histórica da violência há que se considerar os interesses e determinantes econômicos, culturais, sociais e políticos que se inter-relacionam na determinação desta, como apontam as falas a seguir.

“Não só de dinheiro, mas o povo precisa de muita coisa né? Educação é o mais importante[...] educação traz tudo, traz o emprego, que traz alimento, que traz o dinheiro, pra compra alimento, vai atualizando a mente, que vai vendo as coisas, que vai pensando na vida. (E17BF16).

‘Muitos adolescentes vive numa condição completamente precária, fora ele não ter saúde, as crianças não tem escola, pais, ninguém, nem a casa dele não tem condições.’ (E4BF15)

Iniciativas significativas de enfrentamento da violência na escola tem surgido em todo mundo, tendo como foco a promoção dos direitos fundamentais, a proteção integral, a inserção e a integração de adolescentes na escola.

Neste sentido as escolas devem se incentivar a desenvolver o seu “bom clima” buscando desenvolver sua capacidade relacional entre si e a comunidade; um modelo de gestão inovadora, aberta a mudanças; a valorização de todos os componentes da comunidade escolar; o trabalho coletivo; a participação da família e comunidade nas atividades e a construção do sentido de pertencimento de seus pares (Assis; Deslandes; Santos, 2005).

Nos debates sobre vulnerabilidades contemporâneas e adolescência, é comum ressaltar a exposição a diversos tipos de violências e vitimação (Abramovay *et al.*, 2002; Waiselfisz, 2004) considerando em particular a alta incidência de mortes por causas externas (homicídios e acidentes) entre os jovens.

Os adolescentes sujeitos deste estudo, ainda situam a violência urbana, caracterizada, sobretudo pelos acidentes e homicídios como outros fatos que os colocam frente a situações de vulnerabilidade.

“Tem muita gente, principalmente jovem morrendo de acidente, acho que eles gostam de correr perigo”. (E2AM11)

“Você vê todo dia nas notícias adolescentes morrendo, matando, se envolvendo em crime, aqui mesmo é assim” (E6AM13)

Os adolescentes percebem, seja no seu cotidiano mais próximo ou não, a violência social, a delinquência e a violência interpessoal como um fator que os vulnerabiliza, que coloca uma margem tênue entre a própria adolescência “acho que eles gostam de correr perigo” e a ação que os exclui e os vitimiza ou os faz réu “adolescentes morrendo, matando”.



Para entendermos a dinâmica e manifestação deste tipo de violência, é preciso um aprofundamento teórico-crítico frente à questão da violência social, delinqüencial e institucional as quais não devem ser analisadas como um conjunto de fatos e causas isoladas, vinculadas à falta de controle dos indivíduos, mas como um fenômeno societário complexo que envolve não só o crime enquanto transgressão, mas as relações entre as forças sociais e políticas da sociedade assim como as relações entre pares, as relações sociais, não podendo, portanto, serem compreendidas fora da dinâmica da sociedade que as produz, uma vez que elas se nutre de fatos políticos, econômicos e culturais traduzidos nas relações cotidianas que, por serem construídos por determinada sociedade, e sob determinadas circunstâncias, podem ser por ela desconstruídos e superados.

A violência social, o *bullying* entre pares, a delinqüência juvenil entrou na ordem do dia da nossa sociedade, sendo apontados como uma das principais preocupações da população, sobretudo das grandes cidades, constituindo-se em um ingrediente importante e irrefutável na dinâmica urbana contemporânea, onde os adolescentes se vêem envolvidos.

CONCLUSÕES

Embora, estar vulnerável a alguma situação seja próprio do ser humano, só muito recentemente este conceito foi retomado, ajudando a clarear os objetivos e contribuindo na estruturação, realização e avaliação do trabalho junto aos adolescentes.

A violência nas suas mais diversas expressões enquanto um fator de vulnerabilidade para os adolescentes nos leva a considerar que para impedirmos sua (re) produção, as iniciativas sócio-políticas devem buscar responder aos desafios de reconhecê-la e identificá-la com clareza; compreender melhor o processo de produção desse fenômeno e formar profissionais competentes e socialmente comprometidos no seu enfrentamento.

As ações possíveis de potencializar a redução da violência, pressupõem ferramentas e referências criativas na atuação do Estado e sociedade civil na implementação de ações flexíveis, solidárias e coesas capazes, sobretudo, de articular múltiplos atores sociais e diferentes setores no sentido de: propiciar uma melhoria na assistência à saúde e educação; ampliação de programas de geração de emprego e renda; e desenvolvimento social; acesso à cultura, esporte e lazer; incentivo e divulgação de boas práticas parentais; melhoria da infra-estrutura urbana e das condições socioeconômicas; programas e orientações dirigidos à mudança de atitudes, comportamentos e ao desenvolvimento de habilidades sociais, envolvendo não só os sujeitos, mas também a família e finalmente implementar políticas públicas que visem estimular valores e atitudes de paz e convivência saudável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramovay, M., Castro, M. G., Pinheiro, L. C., Lima, F. S., & Martinelli, C. C. (2002). *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*. Brasília: UNESCO.
- Assis, S. G., Deslandes, S. F., & Santos, N. C. (2005). Violência na adolescência: sementes e frutos de uma sociedade desigual. In: Brasil. Ministério da Saúde. *Impacto da violência na saúde dos brasileiros* (pp.79-116). Brasília: Ministério da Saúde. (Série B.Textos Básicos de Saúde).
- Assis, S. G., Pesce, R. P, Avanci, J. Q. (2006) *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed.
- Ayres, J. R. C. M. *et al.* (2003). O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: Czeresnia, D., & Freitas, C. M. (Orgs.). *Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências* (pp.117-39). Rio de Janeiro: Fiocruz.



- Bardin, L. (2002). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2006). *Violência faz mal à saúde*. Brasília: Ministério da Saúde. (Série B. Textos Básicos de Saúde).
- Carvalho, G. S. (2006). Criação de ambientes favoráveis para a promoção de estilos de vida saudáveis. In: Pereira, B. O. & Carvalho, G. S. *Atividade física, saúde e lazer: a infância e estilos de vida saudáveis* (pp 19-37). Lisboa: Lidel.
- Chrispino, A. (2007). Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 15(54), 11-28.
- Engels, F. (1981). *Política*. São Paulo: Ática.
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad. Saúde Pública*, 24(1), 17-27.
- Gomes, R. A. Análise de dados em pesquisa qualitativa. (2007). In: Minayo M.C. S. (Org.) *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade* (pp. 79-108). Petrópolis: Vozes.
- Mckay, A., & Lawson, D. (2002). Chronic poverty: a review of current quantitative evidence. *Working paper*, 15, Manchester: IDPM/Chronic Poverty Research Centre (CPRC).
- Minayo, M. C. S. (2007). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Minayo, M. C. S. (2005). Relaciones entre procesos sociales, violencia y calidad de vida. *Salud Colectiva*, 1(1), 69-78.
- Minayo, M. C. S. (2002). O significado social e para a saúde da violência contra crianças e adolescentes. In: Westphal, M. F. (Org.) *Violência e criança* (pp. 95-114). São Paulo: EDUSP.
- Miranda, M. I. F. (2004). *Violência nas escolas sob o olhar da saúde: das indisciplinas e incivildades às morbidades por causas externas*. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. (Tese de Doutorado).
- Pereira, B. O. (2001). A violência na escola – formas de prevenção. In: Pereira, B. O & Pinto, A. P. *A escola e a criança em risco: intervir para prevenir* (pp 17-30). Porto: Edições ASA.
- Pereira, B. O. (2002). *Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e da Tecnologia. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas.
- Pereira, B., Mendonça, D., Neto, C., Valente, L. & Smith, P. K. (2004) Bullying in Portuguese schools. *School Psychology International*, 25 (2), 207-222.
- Pereira, B. O. (2006). Prevenção da violência em contexto escolar: diagnóstico e programa de intervenção. In: Souza Neto, J.C., Nascimento, M. L. B. P. *Infância: violência, instituições e políticas públicas* (pp. 43-51). São Paulo: Expressão e Arte Editora.
- Pino, A. (2007). Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo. *Educação & Sociedade*, 28 (100), 763-785.
- Sánchez, A. I. M., & Bertolozzi, M. R. (2007). Pode o conceito de vulnerabilidade apoiar a construção do conhecimento em Saúde Coletiva? *Ciência & Saúde Coletiva*, 12(2), 319-324.
- UNICEF. (2005). *Situação das Crianças e dos Adolescentes na Triplíce Fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai: desafios e recomendações*. Curitiba: UNICEF, ITAIPU Binacional.
- Waiselfisz, J. J. (2004). *Mapa da Violência IV. Os Jovens do Brasil - Juventude, violência e cidadania*, Brasília: UNESCO.
- World Health Organization. (2002). *World report on violence and health*. Genebra: WHO.